

Estética contranormativa no Design de Moda Contemporâneo: As criações de Vittor Sinistra

Counternormative Aesthetic In Contemporary Fashion Design: The Creations Of Vittor Sinistra

Fellipe Cardoso da Silva¹
Mônica Cristina de Moura²

Resumo

Este artigo busca analisar como o design de moda pode promover uma estética contranormativa das noções hegemônicas de gênero. A pesquisa de abordagem qualitativa envolve como principal referencial teórico: Butler (1990), referente a matriz cultural de inteligibilidade e a teoria da performatividade de gênero; Lauretis (1994), com o enfoque do gênero enquanto tecnologia capaz de assegurar as estruturas normativas; Moura (2018), com a questão do sensível no design contemporâneo e Portinari (2017), na discussão do agenciamento queer voltado para o design. A análise foi realizada a partir de uma pesquisa documental, da seleção das criações de moda do designer Vittor Sinistra que foram associadas a entrevistas concedidas para veículos de grande circulação. Como conclusão, nota-se que os tensionamentos ocorrem a partir da própria sensibilidade do designer atuando na ruptura dos padrões estéticos vigentes e das normas de gênero na moda.

Palavras-chave: design de moda; design contemporâneo; teoria queer; estética.

Abstract

This article aims to analyze how fashion design can promote a counter-normative aesthetic to hegemonic notions of gender. The search for a qualitative approach involves as main theoretical references: Butler (1990) referring to the cultural matrix of gender intelligibility and performativity, Lauretis (1994) as the approach of gender as a technology capable of guaranteeing normative structures, Moura (2018) with an issue of the Sensitive in contemporary design and Portinari (2017) when discussing the queer agency focused on design. The analysis was based on documentary research, a selection of fashion creations by designer Vittor Sinistra that were associated with interviews given to mass-circulation media. In conclusion, it is noted that the tensions arise from the designer's own sensitivity, acting to break current aesthetic standards and normalizing notions of gender in fashion.

1

Mestrando em Design no Programa de Pós-graduação em Design da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Participa do Grupo de Pesquisa em Design Contemporâneo: sistemas, objetos, cultura. Email: fellipe.c.silva@unesp.br

2

Coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Design Contemporâneo e líder do Grupo de Pesquisa Design Contemporâneo: sistemas, objetos e cultura (CNPq/UNESP). Professora do Departamento de Design e Orientadora no Programa de Pós-graduação em Design da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Pós-doutorado na Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio) e Universidade do Minho. Doutora e Mestre em Comunicação e Semiótica (PUCSP). Email: monica.moura@unesp.br



Keywords: fashion design; contemporary design; queer theory; aesthetic.

1. Introdução

Na pós-modernidade, a vestimenta torna-se difusa e multifacetada, atravessada por mudanças cíclicas na forma, modelagem, nos processos produtivos, comunicacionais e de comercialização. As peças de roupa correspondem aos anseios do próprio sujeito pós-moderno, fragmentado e capaz de adquirir diversas identidades (Hall, 2006).

Na contemporaneidade, com a pluralidade latente de personalidades, a moda no que tange ao design, estética e gênero, acaba também por se tornar cada vez mais fluida em seu processo de criação e uso. Como destaca Godart (2010, p.33) “a moda é um elemento essencial na construção identitária dos indivíduos e dos grupos sociais”.

No entanto, ao que se refere ao gênero, durante muito tempo a moda visou reforçar as estruturas normativas e hierárquicas ao invés de subvertê-las (Arcoverde, 2014).

Durante o século XIX, a moda, além de atuar na consolidação das diferenças entre as classes sociais, também exercia um papel fundamental nas diferenciações em torno do gênero. No entanto, no século XX, com a mobilidade social dos indivíduos, a fragmentação das tendências urbanas aliada ao avanço neoliberal, surgimento de subculturas e pautas identitárias, a moda acaba por atenuar as concepções estéticas em torno do binarismo de gênero, mas ainda com diferenciações específicas entre o feminino e o masculino (Crane, 2013).

Esta concepção de que a moda abrandou as sólidas diferenciações de gênero, está interligada em parte à lógica mercantil, que utiliza a narrativa construída a partir das identidades para constituir novos segmentos. Na contemporaneidade, estes novos espaços de consumo que buscam abranger quem não se identifica dentro das normas de gênero podem ser analisados através do conceito denominado “transestético” cunhado por Lipovetsky e Serroy (2015). Nesse contexto, o capitalismo, ao unir a economia à arte, a estética ao consumo de massa, cria uma nova dinâmica, na qual o hedonismo e a emoção se tornam centrais na experiência do consumidor (Lipovetsky; Serroy, 2015).



Também tornou-se comum o uso de termos como “moda agênero” ou “moda de gênero neutro” por redes de moda, no entanto, esta abordagem acaba se tornando superficial ao invés de proliferar o debate de maneira substancial. Quando varejistas de moda propõem uma moda “sem gênero” por vezes acabam por desenvolver peças minimalistas realizando pequenas alterações na vestimenta ou transpor peças do guarda-roupa masculino para o feminino, no qual os códigos da vestimenta considerada “feminina” acabam por não serem tensionados à criação do vestuário considerado “masculino” (Menezes; Beccari, 2021).

Partindo deste ponto de reflexão, esta pesquisa objetiva analisar práticas que tensionam o conceito de cisheteronormatividade presente na estética de moda de maneira a propor sua subversão. Nesta pesquisa, o termo “cisheteronormatividade” é utilizado a fim de compreender que a norma é instituída perante a linearidade entre sexo, gênero e desejo, na qual a coerência dos gêneros, homem e mulher, reivindica a heterossexualidade como a norma do desejo (Butler, 1990). Logo, as dimensões entre a cisgeneridade e a heterossexualidade regulam o conjunto de normas e práticas dos indivíduos entre masculino e feminino, subalternizando quem não se encaixa a esta normativa.

Este artigo resulta de uma investigação com abordagem qualitativa e aplicação de pesquisa teórica e documental. A análise parte do design de moda desenvolvido pelo estilista Vittor Sinistra, utilizando matérias em plataformas online e um editorial disponibilizado em sua página no Instagram, a fim de verificar as peças desenvolvidas pelo designer. Sinistra foi selecionado devido a relação de sua vivência enquanto pessoa LGBTQIAP+ com o discurso e as características da estética que propõe em sua criação. As matérias foram selecionadas com base nos últimos quatro anos, na qual foram consideradas apenas matérias na qual Sinistra concedeu entrevista, no caso, para a FFW e Capricho.

Como referencial teórico, a pesquisa parte da perspectiva dos estudos de teóricas *queer*, na qual será aqui utilizado o conceito de matriz cultural de inteligibilidade e performatividade de gênero, formulado por Butler (1990) e o conceito de gênero enquanto produto de diferentes



tecnologias sociais, destacando a materialidade dos dispositivos capazes de reforçar a normatividade, por Lauretis (1994).

Para analisar as práticas de design na contemporaneidade ligadas à sensibilidade do criador, será utilizado o conceito de “design para o sensível” teorizado por Moura (2018) e o processo de “queerizar o design” proposto por Portinari (2017). O design para o sensível diz respeito às percepções na criação para além da materialidade, na qual situa também a empatia e a alteridade no ato de projetar. Enquanto queerizar o design, seria a problematização da normatividade para potencializar a diferença, ressignificando as práticas e desestabilizando os discursos cisheteronormativos.

2. Teoria Queer: Conceitos e Problemáticas

Queer é uma palavra de origem inglesa que foi utilizada durante muito tempo de maneira pejorativa para se referir ao sujeito da sexualidade dita “desviante”, ou seja, o sujeito que diverge das normas e padrões sociais estabelecidos pela maioria dominante. Neste caso pautado pela cisheteronormatividade. O queer pode ser traduzido como algo “ridículo” ou “excêntrico” (Louro, 2009). Por ser uma palavra que por categoria adquire o significado de desconstrução da normatividade, é normalmente utilizado como termo amplo para se referir às pessoas que se identificam como LGBTQIAP+.

O queer enquanto teoria surge da necessidade de estudos em uma perspectiva que não fosse heterossexual no pensamento sociológico. Na década de 1990, o termo foi inicialmente cunhado por Teresa de Lauretis, que utilizou a denominação *queer theory* para relacionar a antinormativa *queer* com os estudos gays e lésbicos (Miskolci, 2009). O queer remete para o poder de desestabilizar as discussões acerca de gênero e sexualidade nos estudos pós-estruturalistas, no qual as discussões não chegam a um ponto de fechamento. Segundo Louro (2009, p.36) “Queer representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora”.



O queer tem suscitado diversos debates em relação às diversas contradições e incongruências em relação ao seu uso originário, principalmente no que se refere ao seu uso na América Latina.

Mogrovejo (2020) analisa o queer no Sul Global, como um movimento que reivindica direitos do sistema heterocispatriarcal para às minorias sexuais e afirma que a interpretação do queer na América Latina, na verdade, é uma cópia ruim das lutas no Norte Global.

No entanto, é necessário compreender o queer como um movimento de abertura e sem um ponto de fechamento. Pereira (2023) analisa a teoria queer desta maneira, como um conceito que se deixa contribuir por outros pensamentos, formas de ser, e reinventando formas de existir e de resistir.

Butler, a partir de 1990, contribuirá com os estudos queer, ao analisar as problemáticas em relação ao gênero e, como o mesmo tem sido analisado pela perspectiva de Foucault, Beauvoir e outras teóricas e teóricos.

A ideia de identidade, segundo Butler (1990), estaria diretamente atrelada à um ideal normativo, ao compreender que as pessoas só se tornam inteligíveis na sociedade a partir da coerência entre sexo biológico, o gênero culturalmente instituído, e do desejo heterossexual, que constituiria uma matriz de inteligibilidade cultural de gênero que exclui quem não se encaixa nesta condição.

No entanto, essa matriz também provocaria matrizes rivais e subversivas. O gênero é identificado como passível de ser desestabilizado caso a coerência entre o sexo, gênero e o desejo for rompida em qualquer um destes aspectos, seja pelo indivíduo que não está adequado às condutas normalizantes de gênero em coerência ao seu sexo biológico ou pelo desejo homossexual (Butler, 1990).

Essas práticas subversivas podem ser verificadas a partir do papel da drag queen, que ao agir de maneira paródica sobre o ideal do que imagina como “ser mulher” desmascara o gênero como um conjunto de práticas e gestos, que são performativos, por se tratarem de discursos sustentados por signos corpóreos e outros meios discursivos (Butler, 1990).

Supõe-se que através do discurso há uma materialidade que expressa o conjunto de signos no qual a drag queen utiliza como aporte para compor sua identidade teatral. O traje é o aparato para a subversão



paródica do que se condiciona imaginar enquanto “feminino”. O exagero que a drag queen proporciona, pode ser classificado como um conjunto estético contranormativo, no qual a cisheteronormatividade enquanto sistema considerado “natural” é colocada em xeque como identificado por Butler (1990).

Utilizamos este conceito para compreender como as práticas reguladoras podem ser desestabilizadas através dos discursos presentes na estética no design de moda. O corpo, serve como suporte das roupas e articula significações e representações de sua cultura (Castilho; Martins, 2005). Logo, articulam-se também as normas da inteligibilidade cultural de maneira impressa na vestimenta, que regulam o padrão normativo que irá classificar o sujeito enquanto “Masculino” ou “Feminino”.

Segundo Lauretis (1994) o gênero seria um constructo social que atua como uma tecnologia e opera em diversos dispositivos através de uma representação, que é reiterada a partir de práticas pelos indivíduos. A própria representação do gênero seria uma construção, com implicações tanto simbólicas quanto materiais na vida subjetiva.

Lauretis (1994) argumenta que o gênero, como fator “não natural”, é a representação preexistente ao próprio indivíduo dentro do campo binário definido entre masculino-feminino, ou sexo-gênero. Sendo este sistema tanto uma construção sociocultural quanto semiótica, operando através de diversas tecnologias no campo midiático e institucional, a fim de poder controlar e reiterar as práticas de representação binária de gênero.

Assim como argumenta Butler (1990), Lauretis identifica que o gênero pode ser rompido e desestabilizado a partir de sua própria representação. O design e a moda, enquanto produtores de subjetividades e significações, podem ser classificados com uma tecnologia utilizada pelo sistema de gênero, a fim de reiterar uma estética normativa mas que também serve de aparato para causar sua própria subversão.

2.2 PRÁTICAS SOCIAIS EM DESIGN

Na contemporaneidade, o design adquire um papel social para além apenas da materialidade do artefato em si. Em uma sociedade multifacetada,



Estética contranormativa no Design de Moda Contemporâneo: As
criações de Vittor Sinistra
Fellipe Cardoso da Silva
Mônica Cristina de Moura

as dimensões sociais, as diferentes sensibilidades, subjetividades também devem ser envolvidas no ato de projetar. Moura (2018) argumenta que o aspecto do sensível quando relacionado ao design tem o poder de expandir percepções e diversidades. Em suas palavras:

O sensível incorpora um conhecimento que vai além da percepção da realidade, remete aos estímulos e emoções e no desenvolvimento das capacidades de receber sensações e de reagir aos seus estímulos [...] de se comover com emoções alheias. (Moura, 2018, p. 204)

Compreende-se que o ato de projetar, ao buscar a sensibilidade, a inclusão e o humanismo, se torna um ato político que tangencia o design e o sensível. A sensibilidade do designer para a sua criação demonstra a relação dos aspectos socioculturais ao ato de projetar um artefato, transformando o design em um ponto de debate e discussão.

Para Portinari (2017), o ato de projetar pode servir de agenciamento para a materialização de outras formas de existência para além da normatividade. O queer pode ser utilizado como um instrumento de narrativa a fim de desestabilizar e problematizar estéticas estabelecidas como vigentes, partindo de uma conduta transgressora e subversiva, incluindo a materialização do artefato em si e o significado que é adquirido através de seu uso.

Tanto os aspectos do sensível para com o design quanto o agenciamento por parte de uma subversão queer no design, demonstram as possibilidades de práticas que vão contra os discursos hegemônicos em relação a estética. É possível compreender as discussões suscitadas por Lauretis (1994) e Butler (1990) em relação ao gênero, tanto enquanto uma tecnologia social quanto uma representação “não natural” para compreender materialidades nas práticas em design.

O design pode revelar aspectos sociais e identitários com base no público que pretende atingir, utilizando as funções estéticas e simbólicas tanto para reforçar uma normatividade, por meio de conceitos e discursos pré-existentes, quanto para atuar de maneira contranormativa, subvertendo as expectativas em relação ao que se espera do artefato.



3. Método Adotado

A fim de concatenar as ideias em relação às dissidências de gênero e práticas contranormativas no design de moda brasileiro, esta pesquisa adotou a abordagem qualitativa, partindo da pesquisa teórica e documental para gerar a análise dos artefatos eleitos visando o reconhecimento dos elementos e características abordadas pelo designer de moda estudado, Vittor Sinistra.

Vittor nascido e criado em Ceilândia (DF), é formado em Letras pela Universidade de Brasília (UNB), se identifica enquanto pessoa LGBTQIAP+ e iniciou seu processo de criação de moda em 2017.

Na pesquisa documental, foram selecionadas e analisadas entrevistas concedidas pelo designer para veículos de plataformas digitais e, utilizando o artefato físico desenvolvido por Sinistra, foram analisadas suas criações a partir da proposta de uma estética contranormativa tanto no discurso quanto na visualidade das peças de Vittor.

Os veículos selecionados para esta pesquisa foram as plataformas online FFW e a Capricho. A FFW é uma das principais plataformas de conteúdo em moda no Brasil e desde 2009 atua de maneira independente, é especializada em jornalismo de moda e comportamento. A FFW ainda conta com a FFWMAG que é uma revista impressa, física.

A Capricho surgiu em 1952 como uma revista feminina, com conteúdo composto por fotonovelas e após mudanças em 1985 voltou-se para o público adolescente no geral (Gruszynski, 2006), atualmente conta com uma plataforma de notícias online.

Utilizamos como critério para a seleção das matérias, Sinistra ter concedido entrevista em ambas as plataformas. As duas matérias, tanto da FFW quanto da Capricho, foram divulgadas em momentos de lançamento de coleção por Sinistra na qual é possível ver especificamente o entrelaçamento de sua subjetividade aliada ao contexto de sua criação.

O Instagram foi a mídia social escolhida para a seleção das imagens, pois é o canal que o estilista de moda compartilha seus editoriais. O editorial foi selecionado devido ao uso da máscara pelo modelo, provocando um estranhamento, por não poder ser lido através da binariedade de gênero.



As imagens selecionadas para a análise foram postadas no Instagram de Sinistra em Setembro de 2023.

4. Entrevistas Concedidas - VITTOR SINISTRA

A primeira entrevista analisada foi feita para o site de notícias em moda FFW, concedida para o jornalista Gabriel Fusari em 2021. No período, Vittor atuava na Secretaria de Saúde do Distrito Federal, lugar onde vivia. Vittor relata sua criação através da experiência pandêmica que ocorreu durante o período e suas projeções internas enquanto uma pessoa de sexualidade dissidente para os artefatos que desenvolve.

Segundo o jornalista, as peças desenvolvidas por Vittor possuem o intuito de “impactar os papéis sociais, apresentando monstros”. As peças desenvolvidas pelo designer apresentam espinhos com enchimento em pelúcia, trabalhados de maneira na qual explora diversas formas geométricas em sua composição, além de produzir moletons, máscaras e luvas.

Segundo Vittor, essas representações são frutos da homofobia que enfrentou. Em suas palavras:

Por enfrentar a homofobia dos lugares que eu frequentava, como trabalho, ambientes familiares, eu percebo que acabei me tornando alguém espinhento, sempre na defensiva. Esses espinhos nas roupas simbolizam a defesa contra os maus olhares da rua. (Sinistra, 2021)

Vittor cita sua criação em design como uma arma política contra a cisheteronormatividade. Durante o período da entrevista, o designer apresentava sua coleção intitulada “*Round 1*”, que se inspirou na cultura *Ballroom* e nos *X-Mens*. Dois polos simbólicos, sendo a cultura *Ballroom*, como um ato de resistência queer para corpos dissidentes que utilizavam de espaços periféricos para realizar concursos de dança e desfile e os *X-Mens*, que possui o conceito discursivo de apresentar pessoas LGBTQIAP+ enquanto super-heróis.

A segunda entrevista analisada foi realizada por Duda Cardim para a Revista Capricho em dezembro de 2023. Durante o período da entrevista,



Sinistra apresentava sua coleção intitulada “RTS 3000” que segundo o próprio designer RTS seria as siglas para “roupa como tecnologia de sentimento”.

Para Sinistra, a roupa é uma tecnologia capaz de expressar a subjetividade. Apresentando uma maturidade em sua criação, Sinistra explora na coleção RTS 3000, o tecido vinílico e recortes tridimensionais que segundo a entrevistadora, foram destaque na passarela e são o estilo característico da marca. Sinistra continuou desde sua entrevista de 2021 para a FFW utilizando o aspecto pontiagudo das peças em pelúcia, tornando-a identidade estética de suas criações.

Como uma forma de inclusão, Sinistra convoca para a passarela “todos os tipos de corpos, gêneros e cores” segundo palavras do próprio designer, a fim de apresentar diversos corpos em espaços de moda. Sinistra ainda convocou durante o período as *drag queens* Naza e Dallas de Vil para desfilarem as peças de maneira performática.

Pode-se analisar através destas duas entrevistas de Sinistra, que o aspecto que motiva suas criações é a sua própria subjetividade com o propósito de desafiar padrões estéticos vigentes na moda brasileira.

Ao utilizar espaços de divulgação para os desfiles de suas coleções, como a Casa de Criadores, Sinistra busca promover não apenas um artefato mas também incluir corpos dissidentes como um ato de resistência, com a finalidade de trazer legitimidade a esses sujeitos.

É notável o agenciamento por parte de Vittor com a finalidade de promover uma ruptura do que se compreende enquanto normatividade na moda. Segundo Portinari, pensar uma prática queer no design, é pensar “no sentido de um agenciamento potencial performativo na materialização e visibilização de outras formas de existência[...]” (Portinari, 2017, p. 16).

4. O Design Contranormativo de SINISTRA

A fim de analisar a proposta de Sinistra por um viés estético, realizamos uma pesquisa através da perspectiva do artefato físico desenvolvido pelo designer. Foram selecionadas três peças que foram utilizadas para um editorial disponibilizado pelo próprio designer em sua



Estética contranormativa no Design de Moda Contemporâneo: As
criações de Vittor Sinistra
Felipe Cardoso da Silva
Mônica Cristina de Moura

página do Instagram. A escolha das peças busca apresentar como elas se articulam aos conceitos trabalhados nesta pesquisa, a estética em questão e os discursos promovidos pelas suas criações.

Figura 1



FONTE: Instagram @Vittorsinistra

No artefato da figura 1, podemos verificar a materialidade adotada por Sinistra, na qual utiliza tecido vinílico prateado para o corselet, peça considerada “feminina” que prepondera durante os séculos XVI e XIX, a fim de submeter os corpos a um padrão estético e comportamental (Pereira, 2019). De maneira simbólica, Vittor subverte essa vestimenta ao adicionar formas pontiagudas que, como descritas pelo designer, são feitas com enchimento em pelúcia a fim de conferir tal aspecto. O modelo também utiliza máscara com o formato pontiagudo, uma característica das criações de Vittor. A composição imagética apresenta uma cena que aparenta ser corriqueira, por se tratar do modelo em movimento, desatento e com uma bolsa na mão como se estivesse em trânsito.

Estética contranormativa no Design de Moda Contemporâneo: As
criações de Vittor Sinistra
Felipe Cardoso da Silva
Mônica Cristina de Moura

Na representação visual composta através do artefato de Sinistra conseguimos identificar como a estética de seu design tensiona as noções normativas de gênero. Ao relacionar à teoria de Lauretis (1994), podemos compreender que a moda atua enquanto uma tecnologia de gênero ao categorizar o vestuário enquanto feminino e masculino. Isto se torna evidente através na minissaia e no corselet que são peças de uso estritamente feminino no cotidiano. A partir deste referencial, notamos como a vestimenta é desestabilizada de sua representação, gerando estranhamento em relação aos materiais utilizados na confecção da peça, o *styling* proposto para a foto e o modelo que a veste.

Em contraponto, a minissaia já surge enquanto uma peça contestadora no guarda roupa considerado feminino durante a década de 60. Segundo Calanca (2008) a minissaia aparece neste período como uma peça de emancipação feminina e anticonformista, a fim de dar movimento ao corpo. Este anticonformismo está presente no discurso da imagem e do design promovido por Sinistra no que se tange gênero e moda, tanto na subversão do corselet quanto da minissaia em um corpo masculinizado. Esta estratégia quase paródica do vestuário, resignificando e teatralizando, é a potencialidade que Portinari (2017) se refere ao propôr queerizar o design.

Podemos notar na figura 2, através das características do design de Sinistra, o segundo corselet e a calça, com formas pontiagudas a fim de conferir a noção de “perigo” com a qual coisas pontiagudas podem causar. Os “espinhos” acabam por simbolizar sua armadura de defesa e resistência enquanto uma pessoa LGBTQIAP+.

Figura 2



FONTE: Instagram @Vittorsinistra

Através do uso da máscara, ao anular o efeito discursivo da identidade que poderia causar uma leitura estritamente genérica do modelo entre o masculino e feminino, Sinistra reconstitui os códigos de gênero, mas em uma proposição subversiva do habitual ao propor o tom de rosa do corselet e as luvas na altura do cotovelo que são signos lidos socialmente enquanto “femininos”. Nota-se que a calça durante muito tempo foi uma peça exclusiva do guarda roupa masculino e usado, inicialmente, de maneira transgressora pelas mulheres visando o conforto na vestimenta. Segundo Crane (2006) a calça era estritamente masculina no século XIX, devido a rigidez da separação das identidades de gênero entre homens e mulheres e que somente foi superada no século XX.

A calça proposta por Sinistra, porém, torna-se transgressora ao aliar-se no conjunto estética do corselet, as luvas, a máscara e o sapato na cor

rosa. Segundo Castilho e Martins (2005), o corpo serve como um suporte das roupas para construir significados. É possível compreender o gênero ao avesso no design de Sinistra, visando a potencialidade que o discurso pode adquirir quando se trata de roupa, subvertendo através do próprio interior das noções hegemônicas de gênero.

Figura 3



FONTE: Instagram @Vittorsinistra

Na figura 3, nota-se a constante no design das figuras anteriores mas neste caso remetemos ao que se condiciona pensar enquanto uma estética “masculinizada” ao utilizar de tons escuros, como o preto, mas ainda sem deixar de lado códigos de vestimenta que seriam considerados “femininos” transferindo para o outro polo do gênero. Sinistra utiliza da matriz principal da roupa (Corselet, calça, saia) para tensionar ao seu modelo estético. Aqui no caso os “chifres” na máscara são maiores, o que pode remeter a ideia do “falo” que para a psicanálise é a representação que se constitui a partir do órgão genital masculino.

Bourdieu (2011) ao analisar as diferenças entre o gênero masculino e feminino, identifica uma “cosmologia sexualizada” do corpo como incutido de significação social e verifica o movimento para o “alto” como associado ao masculino, advindo da ereção e fazendo uma oposição ao que seria o “baixo” para o feminino. No entanto, o uso do corselet causa a ruptura de uma leitura estritamente associada ao masculino.

Estética contranormativa no Design de Moda Contemporâneo: As criações de Vittor Sinistra
Fellipe Cardoso da Silva
Mônica Cristina de Moura

Nota-se que as representações do que seria lido enquanto “masculino” e “feminino” é um viés do qual Sinistra utiliza para tensionar o gênero em suas criações, tornando a leitura de suas peças difusa e fluida, dinamizando o vestuário para além de um binarismo fácil, no qual os elementos se tornam complementares mas também contrapõem, para causar ruptura nas separações solidas entre os gêneros. Logo, a vestimenta proposta por Sinistra, serve como uma forma de agenciamento através do corpo, como uma possibilidade de desvio de discursos hegemônicos e de adquirir uma nova força política (Gusmão, 2024).

Através das três figuras analisadas conseguimos identificar esta desestabilização do gênero no vestuário proposto por Sinistra, através do sentido performativo, como debatido por Butler (1990). A performatividade pode ser compreendida como a maneira pela qual o discurso regulador do gênero se manifesta, sustentando e reforçando as normas sociais. No entanto, se Butler (1990) identifica a performatividade algo ficcional, como atos e gestos fabricados, conseguimos notar esta ficção visualmente através das peças de Sinistra. Ao compreendermos seus signos originários, fica evidente como o designer subverte a estética de maneira contranormativa mudando as expectativas do que se espera enquanto uma peça moldada para uso casual e, para um determinado gênero, subvertendo a favor de uma poética em sua criação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises feitas com base na pesquisa documental, pode-se notar como o fator da criação do design de moda ligada à sensibilidade e subjetividade do designer tem potencial de gerar uma estética contranormativa que rompe com as noções normalizadoras de gênero.

Enquanto pessoa LGBTQIAP+, notamos que Vittor Sinistra utiliza do seu design para questionar uma estética que se compreende enquanto “normal” parodiando a própria noção de vestimenta, ao inserir chifres, espinhos e formas pontiagudas. Em um período marcado por pautas contra o gênero, que acabam por restringir valores fundamentais no processo democrático, tais como, pluralidade, proteção a minorias e o direito à livre expressão, Sinistra insere essas características como forma de resistência a corpos dissidentes e adota uma postura política enquanto designer, para que outros também comuniquem as suas identidades ao fazerem uso destas vestimentas. Como uma maneira de subverter a violência contra corpos LGBTQIAP+ em um mundo que os nega e a possibilidade de repensar uma renovação social que seja natural ou necessária, Sinistra reinterpreta essa



violência como uma maneira de legitimar sentimento e dissidência, com base em sua vivência e subjetividade *queer* para um aspecto mais amplo.

Nota-se também que, Sinistra a partir de uma abordagem mais performática da vestimenta que desenvolve, não cria uma vestimenta considerada de uso casual. Suas peças são normalmente feitas sob demanda a pedido para ocasiões especiais, atuando enquanto um designer independente no qual as peças não são feitas em escala. Assim, ele estabelece uma liberdade para com sua criação por não possuir compromisso com a mercantilização do produto de maneira massificada, que poderia inibir a plena concepção criativa do designer.

Referências bibliográficas

HALL, Stuart (1992). A identidade cultural na pós modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

ARCOVERDE, Maíra. Moda: tecendo outras possibilidades na construção das identidades de gênero. Revista Periódicus. São Paulo, Novembro 2014 – Abril 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/12894/9211>

MENEZES, Manita; BECCARI, Marcos Namba. A Moda e a Teoria Queer: O Unissex e o gênero neutro. Revista Dobras, 32ª Edição, Maio – Agosto 2021. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/1374/709>

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade. 22 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990- 2022.

MOURA, Mônica. Design para o sensível: Contemporaneidade, diversidade e ampliação da realidade. Estudos em design: Saberes e Processos, Bauru-SP, Canaló, p. 204 – 218 – 2018.

PORTINARI, Denise. Queerizar o design. Arcos Design. Rio de Janeiro: PPD ESDI - UERJ. Edição especial Seminário Design.Com, Outubro 2017. p. 1-19. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>



LOURO, Guacira Lopes. Um Corpo Estranho: Ensaios Sobre Sexualidade e Teoria Queer. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: O Desafio de uma Analítica da Normalização. Sociologias, Porto Alegre, ano 11, no 21, jan/jun, 2009, p.150-184.

SALIH, Sara. Judith Butler e a teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

LAURETIS, Teresa. A Tecnologia do Gênero. In: BUARQUE DE HOLANDA, H (Org). Tendências e Impasses: O Feminismo como Crítica da Cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.206-242.

CASTILHO, Kathia; M.MARTINS, Marcelo. Discursos da Moda: Semiótica, Design e Corpo. 2ªEd. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.

BUTLER, Judith. Desfazendo Gênero. São Paulo: Unesp, 2022.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. A Invenção do Impossível: gênero e as poéticas de abertura. São Paulo: Annablume, 2023.

GUSMÃO, Roney. Os marcadores visuais de gênero: moda e subversão no espaço público. Revista Dobras, São Paulo, 41º Edição, p. 39-54, Maio - ago. 2024. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/1863/867>

PEREIRA, Roseana Sathler Portes. O corset como objeto-fetich na Inglaterra Vitoriana e as crises de valores nas dinâmicas entre classe e gênero. ModaPalavra, Florianópolis, v. 13, n. 29, p. 14-42, jul./set. 2020.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. A Estetização do Mundo: Viver na era do capitalismo artista. 1ªEd. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MOGROVEJO, Norma. "O queer, as mulheres e as lésbicas na academia e no ativismo em Abya Yala" in Pensamento Feminista Hoje: Sexualidades no Sul Global, org. Heloisa Buarque de Hollanda, 33-55. 1ªEd. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

FUSARI, Gabriel. Estilista Vittor Sinistra trabalha a saúde mental LGBTQIA+ em suas peças. FFW. 28 de jun. de 2021. Disponível em: <https://ffw.uol.com>.



Estética contranormativa no Design de Moda Contemporâneo: As
criações de Vittor Sinistra
Felipe Cardoso da Silva
Mônica Cristina de Moura

br/noticias/moda/estilista-vittor-sinistra-trabalha-a-saude-mental-lgbtqia-em-suas-pecas/. Acessado em: 14/01/2025.

CARDIM, Duda. Vittor Sinistra leva sentimentos e estranheza estética à casa de criadores. Capricho. 10 de Dez. de 2023. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/moda/vittor-sinistra-leva-sentimentos-e-estranheza-estetica-a-casa-de-criadores>. Acessado em: 14/01/2025.

Gruszynski, O projeto gráfico de revistas: uma análise dos dez anos da revista Capricho. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 5, n. 10, jul./dez. 2006.

Godart, Frédéric. Sociologia da moda; Tradução: Lea P. Zylberlicht. - São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

Bordieu, Pierre. A dominação Masculina; Tradução: Maria Helena Kuhner. - 10ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.